

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 36
DOMINGO-14 de Fevereiro de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A V O S N G A

A NOSSA TERRA CENTENAS DE CRIANÇAS ESPERAM QUE SE LHES PREPARE UM FUTURO MELHOR

COMO era de esperar, despertou o maior interesse, na nossa terra, a ideia da criação da Escola Industrial e Comercial e o apelo feito nesse sentido por «O Século» e apoiado por nós. Regozija-nos esta atitude das nossas autoridades e dos elementos marcantes da nossa terra que, finalmente, parece terem despertado do marasmo em que nos habituámos a viver, descurando até certo ponto os interesses desta nossa linda terra que são, afinal, os nossos interesses.

Os tempos que correm — ásperos, velozes e de luta, — não se compadecem com atitudes comodistas que nem sequer beneficiam os próprios que as assumem. Há que progredir, há que obter o máximo para a valorização da nossa terra. Há que proporcionar às centenas de alunos, que saem anualmente das escolas primárias, recursos que lhes permitam enfrentar com mais segurança a luta pela vida. O saber ler e escrever é muito, mas não chega hoje para impor só por si um homem que precisa enfrentar a luta pela conquista do pão. Além de que um indivíduo com preparação técnica é sempre um elemento que oferece garantias mais seguras de um trabalho eficiente e consciente.

Dizia-se, na local de «O Século», que a nossa indústria de conservação de peixe pouco tem evoluído, e é verdade. Lá fora, os industriais de conservas de peixe já utilizam o vinho do Porto na preparação das suas conservas e nós, que somos os produtores desses famosos vinhos, nunca os utilizamos para tal fim. Porque não sa-

DE VEZ EM QUANDO...

BEM-FAZER

DERAM, há dias, os jornais a notícia de que no distrito de Viseu fora inaugurada mais uma cantina escolar: — a 33.ª no ano que há pouco findou.

Gostava de saber quantas se criaram, no mesmo período, no nosso Algarve.

Já aqui debiquei este assunto do bem-fazer. Não creio que se tenham estancado, se já alguma vez irromperam com ímpeto, as fontes da caridade, na parte sul do País. Mas o que se vê, o que se patenteia, é isto que não se pode esconder: o sul cristaliza, enquanto no norte a onda vai crescendo.

E se acudir aos necessitados é um imperativo que se impõe como indeclinável, dar de comer a crianças com fome é de todos o que mais avoluma. Re-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Consulado de Espanha

Segundo informações oficiais, encerra no dia 22 de Fevereiro corrente, a Agência Consular Espanhola, nesta vila.

Dos prejuízos aos interesses vitais de uma terra fronteiriça como a nossa, dos que, de certo, recaem sobre o trânsito de turistas que aqui passam, será escusado reafirmar o que disso advém.

Certamente o problema será resolvido, por parte das autoridades dos dois países, no sentido de que esse encerramento seja apenas momentâneo e não definitivo.

Algarve florido

Abalaram os frios rigorosos, que trouxeram ao Algarve o espectáculo inédito da neve. Mas outra neve ficou, nossa familiar de todos os anos, cálida, perfumada, cobrindo de largas manchas, brancas e rosadas, a paisagem algarvia. «O noivado irreal, tão branco, tão diáfano, tão leve», da flor da amendoeira, oferece, aos olhos extasiados, o seu cortejo maravilhoso — que é um dos nossos mais aliciantes cartazes turísticos, e uma das nossas maiores riquezas.



MAIS UMA TRAGÉDIA...

NINGUÉM ignora a tragédia ocorrida na madrugada do dia 8, a 20ª da Costa de Cascais. O «Açôr» desapareceu e com ele, no seu posto, o comandante do barco e 15 tripulantes.

Denso era o nevoeiro, a água regelava, o manto lúgubre da noite raiava de tristes augúrios o amanhecer de quem andasse no mar. «E o «Açôr» demandava Lisboa, mal apercebido de que o vulto medonho da morte o perseguia.

Aqueles 18 homens, afeitos a névoas e a sobressaltos, aquelas 18 vidas presas à vida por fio quebradiço, sonhavam talvez com o vitorioso regresso aos lares, com a derrota do nevoeiro hostil. Mas o espesso manto não permitia enxergar dois palmos de terra. Os rochedos, indiferentes ao luto e à dor, continuavam, qual Gigante Adamastor, prontos a consumir nova tragédia.

Muitos daqueles heróis continuavam, porém, confiados na sua boa estrela. E talvez o impenetrável nevoeiro não permitisse que ela brilhasse, para mostrar àqueles destemidos homens do mar que o avanço era perigoso, fatal. E o choque deu-se: bruto, medonho, indescritível! Quem saberia daquela trágica situação? Quem apareceria, milagrosamente, a socorrê-los? Oh! se a água não estivesse tão gelada, muitos de-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Vasco de Miranda

A fim de ocupar o cargo de Agente do Banco de Portugal em Portalegre, para que foi recentemente designado, retirou para aquela cidade, na passada sexta-feira, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo, sr. Vasco d'Elvas Mascarenhas de Miranda, que, durante muitos anos, desempenhou idênticas funções nesta vila, onde deixa, mercê das suas esmeradas qualidades pessoais e delicadeza de trato, numerosíssimas amizades.

Lamentando a perda do convívio deste nosso prezado amigo, desejamos-lhe, muito sinceramente, as maiores felicidades.

Igreja de Odeleite

Val iniciar-se, dentro de dias, a primeira fase das obras de restauro da igreja de Odeleite. Ao registar o facto, não podemos deixar de salientar todos os esforços dispendidos, neste sentido, pela Comissão formada para aquele generoso fim, e em que se destaca a acção do sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, nosso estimado amigo, que a ela preside, e do respectivo pároco, sr. P.º João Alves de Araújo.

A Conferência de Berlim

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número publicaremos a crónica com o título acima, notável de observação e de fragrante oportunidade, da autoria do nosso ilustre colaborador sr. Rodrigues Pena.

“CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO”

Pelo DR. CRUZ MALPIQUE

CRETINOS

NINGUÉM tem a responsabilidade de nascer génio ou cretino. Somos uma coisa ou outra, naturalmente. Mas, se é impossível transformar um cretino em génio, será pelo menos possível transformá-lo em pessoa de alguma inteligência — capaz de conviver proveitosamente com o seu próximo?

O doutor Sérgio Voronoff responde afirmativamente, fazendo depender, o acesso da idiotia à inteligência, do enxerto da glândula tiroide. Em 1913, apresentava ele à Academia de medicina o seu primeiro idiota, devolvido à inteligência pelo enxerto da glândula tiroide de um chimpanzé. Em 1937, comunicava à Sociedade de Patologia Comparada, de Paris, alguns casos de antigos cretinos, tratados também pelo enxerto da tiroide. Eram seres que há mais de vinte anos se mostravam completamente normais. Ele confessa: Não criei génios, mas dotei algumas pessoas de inteligência suficiente para se comportarem normalmente na vida e para deixarem de ser um fardo para suas famílias ou para o Estado.

Banco Português do Atlântico

Recebemos, do Banco Português do Atlântico, o Relatório, Balanço e Contas desta organização bancária, respeitante ao exercício de 1953.

Revela este documento a situação de especial relevo de que presentemente disfruta este organismo, no comércio bancário nacional, a quem foi permitido o aumento de crédito às actividades comerciais e à produção do país, bem como um maior financiamento do comércio com o exterior e o ultramar.

Como índice expressivo de confiança nos métodos e eficiência deste Banco, citamos o montante dos depósitos efectuados, que foi de 770.000 contos, o que representa um aumento de 20% sobre os depósitos efectuados em 1952, e o total de letras descontadas, que subiu a 1.692.000 contos, movimento superior ao de 1952 em 224.000 contos.

Refere-se, também, o presente relatório à abertura das novas Agências desta Vila, Aveiro e Lagos, além de 3 nas Dependências em Lisboa, indispensáveis à natural expansão deste importante estabelecimento de crédito.

O SR. MINISTRO das Obras Públicas

ESTEVE NESTA VILA

Em viagem de visita a várias obras de fomento, em curso na nossa província, esteve alguns dias no Algarve o sr. Eng. José Frederico Ulrich, ilustre ministro das Obras Públicas.

Sua Ex.ª visitou, na passada sexta-feira, de manhã, a barra de Faro-Olhão e a doca que se está a construir na «vila cubista». De tarde, efectuou uma conferência com todos os presidentes dos municípios algarvios, sobre melhoramentos nos vários concelhos.

Ontem, o sr. Eng. Frederico Ulrich visitou, no nosso concelho, os edifícios escolares de Vila Nova de Cacela, a ponte sobre a ribeira do Beliche e outras obras de Hidráulica que se estão realizando, e nesta vila apreciou o sr. ministro as obras em projecto, para benefício da nossa terra.

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

A senhora Libânia veio visitar-me. Trouxe-me um paninho bordado, da Madeira, comprado pelo «seu homem». Muito bonito. Um desenho muito simples, em volta. Lembra-me pequenas asas, separadas do corpo das aves. E que bem que fica, na mesa redonda, debaixo da jarra azul! Obrigada, senhora Libânia, mas porque é que esteve a incomodar-se? — com certeza o seu homem trazia isto para negócio.

Sim, o dinheiro não era lá muito. Gastara o que tinha e o que não tinha, com a doença do seu mais novo, sabe a senhora, deu-lhe nos ossos e leva uma mancha de anos a sarar. A vida dos pobres é assim...

A vida dos pobres é assim. Fico a olhá-la, com a frase a arder-me nos ouvidos. É uma mulher nova, envolve-se num chale preto, tanta beleza naquele gesto de levantar uma ponta do chale, de cobrir o peito com ela... Dos sapatos velhos fez umas chinelas novas.

E' verdade, e aquelas argolas de ouro, das orelhas? Aquelas argolas que lhe ficavam tão bem? Argolas tem-nas agora, mas roxas e magoadas em volta dos olhos. «A vida dos pobres é assim...»

Ageito, na mesa, o paninho bordado, da Madeira. Que bem que fica, debaixo da jarra azul! E de repente, ao encontrar uns olhos magoados, sublinhados a cinza e roxo (isto de, no meio do sofrimento, abrir uma clareira para dar a alguém um pouco de alegria!) Sinto uma estranha vontade de viver. Plena confiança no Futuro. Terra firme.

Apontamento

A M. casou muito bem. O marido ganha dinheiro como milho. Indus-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Vida Literária

«NASSREDINE, O VAGABUNDO»
de Leônidas Soloviov

A JUSTA definição deste livro cabe numa só frase: é um romance delicioso!

Nassredine é um sujeito espirituoso, livre como os vendavais, protector dos fracos e dos oprimidos, e em constante luta com os grandes, os poderosos e, principalmente, com os injustos. O seu nome corre pela Arábia como uma legenda. Os pobres querem-lhe bem, e passa de boca em boca a fama das suas extraordinárias aventuras. Por vezes, exagera um pouco, contando feitos que ele próprio, e muito lealmente, reconhece nunca ter praticado.

Nassredine é um sujeito simpático. Desde a primeira página do romance da sua atribulada vida, ele conquista o leitor, pelo extravagante da sua forte personalidade. Os omnipotentes sultões e vizires são as suas vítimas predilectas. Invade-lhes os harems, atraíndo-os com as suas favoritas. Desmascara-lhes os seus fazedores de milagres, arruinando-lhes o negócio. Entra-lhes nos bem guardados palácios, vestindo a pele de afamado astrólogo. Escapa alegremente de meia dúzia de condenações à morte, todas elas com certificado de garantia. E finalmente sacrifica a sua liberdade e a sua segurança, enfrentando, com serenidade e até com humor, mais uma sentença de morte — desta vez, por afogamento.

Tudo acaba muito bem para Nassredine, o vagabundo, pois não só consegue escapar-se hábilmente das mãos dos esbirros, como ainda termina por casar com a dama dos seus sonhos, enquanto que o sultão de Bagdad comunica aos seus pares, por meio dum documento assinado e autenticado, que conseguiu finalmente exterminar esse grande perigo social, que durante tanto e tanto tempo os atormentou.

Se Sherazade tivesse tido a sorte de ler este romance de Leônidas Soloviov, as Mil e Uma Noites teriam sido, sem dúvida, Mil e Duas...

Não deixemos de acrescentar que «Nassredine, o Vagabundo» é apresentado numa edição muito cuidada e muito bem traduzida que não deixa de honrar as tradições dos nossos bem conhecidos ESTÚDIOS COR.

Panorama Nacional

Recebemos o Boletim Informativo de «Livros do Brasil». Eis as principais notícias:

Vai ser editada, na Colecção «Dois Mundos», a grande obra de Aldous Huxley «Contraponto». A tradução é de Erico Veríssimo revista para Portugal. Na mesma Colecção, vai ser reeditado, com nova tradução de Virginia Mota, o celebre romance de John Steinbeck «As Vinhas da Ira».

Entrará no prelo, em Janeiro, o segundo livro de Gilberto Freyre sobre a sua viagem ao Império Português. «Um Brasileiro em Terras Portuguesas» dará, pois, continuidade à obra que está despertando em todo o País o mais vivo interesse — «Aventura e Rotina».

A Colecção Miniatura será próximamente remodelada e anuncia-se, como primeiro volume da nova fase da popular colecção, um romance de Ernest Hemingway, que no estrangeiro tem alcançado largo sucesso: «O Velho e o Mar» (The Old man and the Sea).

A colecção apresenta-se também com novo aspecto gráfico, substituindo-se as capas litografadas por vistosas tricromias envernizadas, o que dará aos livros mais atraente aspecto.

A tradução do 2.º volume da Colecção «Vida e Cultura» acaba de ser confiada a António Lopes Ribeiro. Trata-se duma importante obra do Professor A. M. Low, que foi editada em Inglaterra pela Imprensa da Universidade de Oxford e que se intitula «A Ciência ao Serviço da Indústria». O original inglês causou um enorme êxito editorial e a edição francesa, que acaba de aparecer, foi vivamente criticada.

Anuncia-se também um importante acordo entre a Livraria Globo, de Porto Alegre, e Livros do Brasil, de Lisboa, resultando deste entendimento um útil serviço para o público leitor português.

● A editorial Livros do Brasil lançou, recentemente, no mercado uma esplêndida edição, em cinco grossos volumes, da célebre obra de Romain Rolland — «Jean Cristophe».

● Quase simultaneamente, surgiram nas montras das livrarias duas traduções de romances de Nicolau Gogol. «O Capote», cujo aparecimento se deve certamente a uma recente película cinematográfica, e «A Cidade do Sossego», da Edição dos Livros das Três Abelhas.

POR
J. A. MENDES LEAL

Noticiário do Estrangeiro

Na Colecção «Livre de Poche», acaba de aparecer no mercado o célebre romance de John Steinbeck — «Les Raisins de la Colère», e prometem-se, para próxima publicação, mais alguns grandes sucessos mundiais do livro, como sejam: «La Terre des Hommes», do célebre aviador-escritor Antoine de Saint Exupéry; «Les Conquerants», do grande romancista André Malraux; «FANNY», do conhecido dramaturgo Marcel Pagnol; «Lèpreuses», do académico Henry de Montherland; e ainda vários romances de Zola, de Jean Paul Sartre e de outros igualmente afamados escritores.

● Entrou, em 1954, no seu segundo ano de publicação, a esplêndida revista americana de Arte e de Letras, «Perspectives». Editada também em língua francesa, sob o título de «Profils», esta revista — de preço muito acessível — alcançou no mercado português uma rápida e merecida aceitação. Vários são os assuntos nela focados, assuntos que variam desde a Música e a Pintura, até à Poesia e ao Teatro. Enriquece as suas páginas, além de esplêndidas reproduções coloridas de quadros, uma colaboração seleccionada dos melhores nomes da América do Norte. Não podemos deixar de recomendar aos nossos leitores a excelente qualidade desta publicação trimestral. Assinalemos, a título de curiosidade e para exemplo do que se poderia fazer em Portugal, que «Perspectives» (ou Profils) é financiada pela fundação FORD... É, aliás, assim que os editores explicam o seu baixo preço.

● Acabam de aparecer, nas montras das livrarias de Lisboa, os três grandes prémios literários da França para 1953.

São eles:

«Prémio Fémina» — Pierre Angulaire — de Zeo Oldenbourg.

«Prémio Renaudot» — Dernière Innocence — de Célia Bertin.

«Prémio Goncourt» — Les Bêtes Le Temps des Morts — de Pierre Gaspar.

Mais três nomes desconhecidos que a vitalidade literária da França espalhará pelos quatro cantos do Mundo culto e civilizado. São estes prémios, juntamente com os outros quinhentos, que anualmente são atribuídos a escritores no princípio das suas carreiras, que fazem — e com toda a justiça! — da literatura francesa, a mais bela e a mais firme de todas as literaturas universais.

Como regra, a qualidade é sempre filha da quantidade. Os prémios literários estimulam a produção e trazem como consequência um melhoramento de processos, que por nenhuma outra forma se pode atingir. Sem sermos dogmáticos, não nos custa afirmar que esta é a principal razão da indiscutível superioridade das letras francesas.

Permito-me ainda chamar a atenção dos nossos leitores para o facto de quando acima falamos em quinhentos prémios anuais, estarmos muito longe de sermos exagerados...

GAZETILHA O DEGÊLO

Agora, com tempo bom, vamos falar noutra tom sobre o nevão que caiu; a famigerada neve tocou-nos só ao de leve mas rica espiga saiu!

O caso pôs intranquila muita gente cá da Vila, trouxe, até, choros medrosos... E houve galos e galinhas que dormiram nas cozinhas graças a donos zelosos...

Um mamarracho prosaico foi esculpido, no mosaico, ao pé da pastelaria; nas ruas, o passeante ficava branco num instante e os pés a custo movia...

Depois, chegou o degêlo, frio de arripiar cabelo, uns tantos graus negativos; é de causar pasmaçeira: verão, estufa; inverno, geleira e ainda estamos todos vivos!

BIN OCLO

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários

Vila Real de Santo António

Assembleia Geral

São convidados os srs. Sócios desta Associação, a reunir-se em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede, nesta vila, no dia 22 do corrente mês, pelas 21 horas, para se proceder à eleição dos novos Corpos Gerentes para o ano de 1954 e apresentação de Contas da Gerência de 1953.

Não podendo a Assembleia funcionar nesse dia, por falta de número de Sócios, fica desde já a mesma convocada para o dia 24 do corrente, no local e horas indicadas.

Vila Real de Santo António, 14 de Fevereiro de 1954.

O Presidente da Assembleia Geral

José António Ritta

Agradecimento

A família do falecido Rev. Padre Jorge da Circuncisão Leiria, antigo Prior desta paróquia, na impossibilidade de fazê-lo directamente, por desconhecimento de endereços, vem por este meio agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que, naquele doloroso transe, lhe patentearam o seu pesar pelo falecimento do seu ente querido, assim como às que o acompanharam na vigília em câmara ardente e até à sua última jazida.

Igualmente deseja manifestar a sua gratidão ao Rev. Pároco desta freguesia, Rev. Prior Galhardo Palmeira, pela assistência moral e material prestada, e ao sr. Dr. Reinaldo Prazeres, pelos desvelos e carinho com que tratou o saudoso extinto.

ELEGIA DO TEMPO

Não sei bem se és António ou Antonito,
Imagem vagueando nas alturas,
Claro filtrado por iluminuras
beijando a curva imensa do Infinito.

Absoluto silêncio! Nem um grito
Ou um vago estertor das sepulturas!
Quantos milhões ocultos, de amarguras,
Vivem no simbolismo do meu rito?

Os poetas envoltos nas ideias,
São pássaros cantando as melopeias
Ao badalar suave das trindades.

Aves errantes, pelo espaço fora.
Poeta amigo! Moribunda aurora:
Aqui me tens a desfolhar saudades...

MARCOS ALGARVE

NOTA — Soneto consagrado à memória de António Santos (Antonito), inspirado poeta, nascido em Tavira e falecido em Lisboa, no dia 14 de Fevereiro de 1951.
Chefiou a Repartição de Finanças de Vila Real de Santo António, de 1909 a 1911.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto
de Vila Real de Santo António
de 6 a 12 de Fevereiro:

Entrados:

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.

ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.

SÃO MACÁRIO, Português, de 1.039 toneladas, de Lisboa, vazio.

MURTEN, Suíço, de 511 toneladas, de Cádiz, com carga em trânsito.

COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

STARLING, Inglês, de 1.356 toneladas, de Cádiz, com folha de fardes.

MONTE BRASIL, Português, de 2.394 toneladas, do Funchal, com carga em trânsito.

Saídos:

CARPIO, Inglês, com cortiça e amêndoa, para Londres.

SILVA GOUVEIA, ZÉ MANEL e SÃO MACÁRIO, Portugueses, todos para Lisboa, com minério.

MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

STARLING, Inglês, com alfarroba, para Dublin.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 13 a 19 de Fevereiro, a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 4.ª Série do «Notícias do Algarve», n.ºs 31 a 40, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:

Continente	Séries de 10 números	9\$90
	» » 20 »	19\$90
	» » 50 »	49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas

6 meses	28\$80
Um ano	57\$60

Estrangeiro

Um ano	90\$00
--------	--------

Pagamento adiantado

Despedida

Vasco d'Elvas Mascarenhas de Miranda, agente da Agência do Banco de Portugal em Vila Real de Santo António, tendo sido transferido para idêntico lugar na cidade de Portalegre e por não dispor de tempo para se despedir de todas as pessoas amigas, vem por este meio fazê-lo, oferecendo os seus préstimos naquela cidade.

VENDE-SE

Uma Horta, próximo desta vila e junto à do sr. Plancharde.

Informa: Rua Cândido dos Reis, 76—Vila Real de Santo António.



Maria da Conceição

MISSA DO 30.º DIA

A família vem, por este meio, muito reconhecida, agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento de sua mãe, sogra e avó, e no recibo de que, por desconhecimento de moradas ou por qualquer outro motivo, tenha cometido alguma omissão nos seus agradecimentos e bem assim a todas as que a acompanharam à sua última morada, e participa que se reza missa por sua intenção, no próximo dia 19, na Igreja matriz desta vila, pelas 9,30 horas.

Noticiário da Província

PORTIMAO

Casino da Praia da Rocha

Reabriu, no passado mês de Janeiro, o Casino da Praia da Rocha, onde se projecta a realização de festas relativas à quadra do Carnaval.

Ao que nos consta, estão já contratados alguns dos nossos bons artistas de «music-hall» e lamentamos que, devido à exiguidade de espaço, não possamos referir-nos pormenorizadamente ao assunto, o que faremos, contudo, na próxima semana.

Os bailes de máscaras

Realizaram-se os primeiros bailes de máscaras, nas Sociedades Recreativas, os quais se prolongarão até aos dias 20 e 25 de Fevereiro e 1 de Março.

As primeiras andorinhas

Já chegaram a esta cidade as primeiras andorinhas, anunciadoras duma Primavera que ainda vem distante. Pena é que, para embelezamento dos prédios se destruam os ninhos de tão simpáticas e amigas avezitas!

Festas da Amendoira e do Carnaval

A reflectir o interesse que nos merece a iniciativa das Festas do Carnaval em Portimão, temos acompanhado periodicamente o natural desenvolvimento de pormenores e actividades da respectiva Comissão Organizadora, a quem não falta espírito bairrista e de solidariedade.

Hoje, na impossibilidade de transmitir novidades que existem, mas sim, que não estamos ainda autorizados a divulgar, diremos, contudo, que prosseguem animadamente os trabalhos preparatórios para o êxito dos nossos festejos de carnaval e podemos garantir, sem receio que as festas deste ano suplantarão em gosto e originalidade as anteriormente realizadas. Realmente, o critério posto na solução de problemas diversos, de organização e de concepção artística, fazem prever um carnaval divertido e cheio de originalidade.

Estão em construção bastantes carros alegóricos e, embora se diga que o seu número não será muito elevado, cremos que a qualidade suplantarà a quantidade, o que neste caso é de bom prenúncio. Contudo, fala-se numa vintena de carros, de momento, e entre eles haverá um totalmente mecanizado, o que, por ser inédito, certamente causará sensação.

A questão de alojamentos está a ser estudada de molde a ceder absoluta comodidade aos forasteiros e os serviços de camionagem e a C. P. asseguram a ligação rápida a qualquer parte do Algarve. — E.

A Electro Fabril

S. A. R. L.

Vila Real de Santo António

Aviso Convocatório

De conformidade com o § 1.º do art. 17.º dos Estatutos, convoco para o dia 8 de Março do corrente ano, pelas 17 horas, na sua Sede Rua Barão do Rio Zézere n.º 1, a Assembleia Geral Ordinária desta Empresa.

No caso não haver número legal, fica desde já convocada para o dia 29 do mesmo mês de Março, pelas 17 horas, a Assembleia, que funcionará com qualquer número.

ORDEM DOS TRABALHOS

Discutir e votar sobre o relatório e contas da Gerência de 1953. Deliberar sobre a execução do art. 13 dos Estatutos e outros assuntos de interesse para a Empresa.

Vila Real de Santo António, 8 de Março de 1954.

O Presidente da Assembleia Geral

Emílio Garcia Ramirez

Quem perdeu?

Encontra-se depositado, no Posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, para ser entregue a quem provar pertencer-lhe, os seguintes objectos: Uma Luva de lã e cabedal, própria para senhora; Uma luva de cabedal, com pelo por dentro, própria para Homem.

RELÓGIOS DE BOAS MARCAS

COM GARANTIA

A preços fora de toda a concorrência

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

MAIS UMA TRAGÉDIA...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

les alcançariam, a nado, a costa! Oh! se Cascais tivesse organizado os serviços de salvamento, talvez fosse menor o número de orfãos e viúvas!

Salvaram-se apenas 2 homens: um deles de Quarteira.

Dentre os mortos, era filho de Tavira o mestre de redes. O mar e o Algarve, os algarvios e o mar! Consumada a tragédia, que resta? O desespero, a viuvez, a orfandade.

Mas o desespero não domina apenas os que choram os seus mortos; todos os corações bem formados clamam providências, lamentam indiferenças.

E, embora se ouçam os mais variados e dispares comentários, quer seja verdade que o salva-vidas de Paço de Arcos

se tardamente se dirigisse ao local do naufrágio, quer outras e outras explicações que cada um entende dever dar do acontecimento, ao meu espírito afloram pensamentos tumultuosos, desgarrados, talvez sem outra razão além desta: sofro por todos os que andam no mar, adivinho-os, compreendo-os na sua rudeza, no seu esbanjamento, no seu fatalismo, nas suas crises e abandonos.

Abandono sim. Que outra classe vive mais esquecida que esta? Que outra gente dará mais tributos ao tesouro público?

E continuam entregues a si próprios, a uma humildade de vida que ia quase chamar penúria; muitos não têm trabalho certo nem ordenado mínimo, nem regalias para as longas crises, nem solução para a invalidez e a velhice. E estes formam esmagadora maioria.

É certo que há um Homem que abriu os olhos para esta gente abandonada e alguma justiça lhe tem sido feita, mas é tão complexo o problema para ser abarcado por uma só pessoa!

Não se põe em dúvida a acção do sr. Comandante Tenreiro nem se apouca a sua grande obra, mas pede-se mais, muito mais. Pede-se que as coisas do mar sejam estudadas, orientadas, tratadas pelos que conheceram ou conhecem, de frente, os problemas de todos os que sobre as ondas vivem.

Que sejam ouvidos os que algo de importante tenham a contar sobre o que viram, o que ouviram e o que aprenderam com os seus mareantes.

Pede-se, suplica-se que todas as terras litorais disponham de salva-vidas, convenientemente apetrechados de bons homens e bom material; que se não façam poupanças onde o perigo ronda, momento a momento; que deixe de haver barcos para salvamento que mais lembram existir para perder vidas — alguns ainda são puxados a remos!

E findamos com a obsessante pergunta: porque não teria Cascais material de salvamento, se é uma vila retintamente marítima? Oh! se tal acontecesse, talvez fosse menor o balanço da tragédia, ocorrida a dois passos de terra, na madrugada nevoenta da última segunda-feira!

Olhanense

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

servas e valorizando estas, com os consequentes proveitos para o país e para todos aqueles — industriais e operários — que vivem à base dessa indústria.

Não será demais, parece-nos, chamar para o facto a atenção do Instituto Português de Conservas de Peixe, do Grémio dos Industriais do Sotaventado do Algarve e do respectivo Sindicato Operário. As suas vozes devem juntar-se ao coro de aplausos à ideia da criação da nossa Escola Comercial e Industrial.

O decreto que criou a Escola de Artes e Offícios de Vila Real de Santo António

Os dirigentes da Mocidade Portuguesa, os primeiros que deram o seu aplauso ao artigo de «O Século», informavam que a pedida Escola já tinha sido criada em 1924. Efectivamente, consultado o «Diário do Governo», lá encontramos o decreto n.º 10.508, de 18 de Novembro de 1924, cujo teor é o seguinte:

«Tendo em vista o desenvolvimento de Vila Real de Santo António, que concorre largamente para o progresso económico do país com as suas numerosas fábricas, cujos produtos colocados no estrangeiro nos trazem larga cópia de cambiais;

Tendo em consideração que compete ao Estado fomentar por todos os meios ao seu alcance, e especialmente pelo ensino técnico, esse desenvolvimento industrial e comercial;

Considerando as disposições dos artigos 162.º e 234.º do decreto com força de lei n.º 5.029, de 1 de Dezembro de 1918;

Usando da faculdade que me confere o n.º 3.º do artigo 47.º da Constituição Política da República Portuguesa:

Hei por bem, sob proposta do Ministro do Comércio e Comunicações, decretar o seguinte:

Artigo 1.º — É criada em Vila Real de Santo António uma escola de artes e offícios, tendo anexa uma aula comercial e as disciplinas de língua pátria e francesa.

Art. 2.º — O quadro do pessoal docente da escola a que se refere o artigo 1.º será constituído por:

1 professor de desenho geral e especializado. 1 professor de língua pátria e francesa. 1 professor de aula comercial. 1 mestre de carpintaria. 1 mestre de serralharia mecânica. 1 mestre de torneiro de metais.

§ único — Um dos professores, designado pelo Governo, exercerá as funções de director da Escola e das oficinas.

Art. 3.º — A Escola de Vila Real de Santo António será instalada em edifício que a Câmara Municipal daquela localidade lhe destine.

Art. 4.º — (transitório). O pessoal docente a que se refere o artigo 2.º só será nomeado quando a Escola possuir o edifício onde possa ser alojada.

Art. 5.º — (transitório). Enquanto não houver no orçamento do Ministério do Comércio e Comunicações verba destinada ao custeio da escola a que se refere o artigo 1.º serão as despesas do material e pessoal abonadas pelo fundo para melhoramentos do ensino industrial e comercial, nos termos do decreto n.º 10.060, de 10 de Setembro de 1924.

Art. 6.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

O Ministro do Comércio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 18 de Novembro de 1924 — MANUEL TEIXEIRA GOMES — Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro.

Porque não funcionou a Escola de Artes e Offícios?

Podemos considerar já desactualizado o decreto n.º 10.508. Já não corresponde ao progresso industrial e à expansão que nos últimos trinta anos teve a nossa terra e está fora das modernas exigências pedagógicas. Em todo o caso, estranhámos que

nunca se tivesse chegado a materializar a letra do decreto, o que teria facilitado imenso a obtenção das disciplinas que hoje se verifica serem necessárias. Possivelmente, naquela época, não haveria casa em condições e daí o ter-se deixado sem aproveitamento as estipulações de um diploma que tanto teria beneficiado milhares de rapazes e raparigas. Sempre e infelizmente o marasmo sarraceno a impor o seu negativismo!

Mas desta vez precisamos de apelar para o nosso brio; precisamos sacudir os nossos nervos e mostrar a nossa capacidade de realização. Afinal, nós não somos para aí um povo sertanejo, sem aspirações, sem norte, sem guias! Terras mais modestas, sem o valor populacional da nossa e sem movimento marítimo e industrial que de longe se compare com o de Vila Real de Santo António, têm há muitos anos escolas técnicas. Ainda, há relativamente pouco tempo, Alcobça e Abrantes foram beneficiadas com escolas técnicas. E não nos digam que populacional ou industrialmente qualquer delas se avanteje à nossa terra, embora tenhamos de reconhecer que aquela cidade tem, no seu concelho, duas importantes fábricas metalúrgicas. Gouveia está empenhada agora em conquistar também a sua escola técnica. E nós porque não a havemos de ter também, se a nosso favor militam circunstâncias de peso, que não podem ser invocadas por outras terras que já beneficiam de tão apreciável elemento de valorização literária e técnica?

Certamente os Poderes Públicos, e em particular os srs. Ministro e Subsecretário da Educação, hão-de reconhecer toda a razão que nos assiste no nosso pedido. Já há trinta anos essa razão nos foi reconhecida, quando no decreto n.º 10.508 se exarava: «Vila Real de Santo António que concorre largamente para o progresso económico do país com as suas numerosas fábricas...»

Trinta anos decorridos, esse progresso económico tem-se acentuado e aumentaram muito a valorização urbana e a população, tanto assim que, sendo ao tempo concelho de 5.ª classe, ascendeu, há anos, à categoria de 2.ª. Tudo isto milita claramente a nosso favor e decerto ninguém nos negará aquilo que julgamos nos deva ser dado.

Compete agora à Câmara Municipal, enquanto não dispuser de recursos para a construção do edifício, tentar obter casa que reúna as condições mínimas para o funcionamento da Escola. Cremos que os abrantinos instalaram-na, provisoriamente, numa colectividade de recreio ou mutualista da cidade. Nós podemos, talvez, procurar esta solução provisória ou alugar prédio onde se façam as indispensáveis adaptações, oferecendo-o às instâncias competentes para o funcionamento da escola. Confiamos no nosso digno Presidente da Câmara, confiamos nos nossos vereadores.

Centenas de crianças esperam que se lhes prepare um futuro melhor.

Avante, pois, pela nossa Escola Técnica!

Engrandecemos a nossa terra, valorizemos os nossos pequeninos conterrâneos!

Conta - Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

trial não sei de quê. Pouca instrução, é certo. Maneiras um tanto... como direi, um tanto casca grossa. Por exemplo, depois daquele jantar, quando, diante de todos, arrotou estrondosamente. A M. pôs-se lívida.

Diálogos

Radiofónicos, conhecem. Insignificativos. Fúteis. «Tricot» no éter, «Tricot» de lá macia como o veludo e fria — como o gelo.

Vlagem

Uma palavra de amor.

Uma gota de céu.

Uma verdade objectiva.

Eis de quanto precisamos, na viagem.

Observação

O perfeito mentiroso usa, de preferência, meias-verdades, em vez de mentiras inteiras. São aquelas que desbravam caminho a estas.

Flor para trazer na lapela

O sorriso dum criança tem mais força que uma bomba atómica. Isto já é um motivo de esperança.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 24 de FEVEREIRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DONGEDYK» — 2 de Março

«DRINA» — 14 de Março

De vez em quando...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

negá-lo é cair na animalidade mais crua, na que só pensa em ter o estômago cheio, não importa à custa de quê

Há-de haver uma causa que explique esta apatia da gente do sul. Menor volume de riqueza, menos vibratibilidade ante a dor alheia?

Não creio que as gentes do sul sintam menos que as do norte e, quanto a bens acumulados, não dá mais quem mais possui.

E' necessário agitar, fazer ver, sentir, que já nas Obras de Misericórdia a primeira é dar de comer a quem tem fome. E se for preciso, é ir até explorar a vaidade de cada um. E' um mal, é certo, mas que se desculpa, porque se usa como remédio para acudir a outro maior. Quando da criação do hospital da minha terra, publicava eu, todas as semanas, num jornal da província, a relação dos contribuintes com o que haviam dado. E era vê-los a barafustar! «Então eu dei e ainda o meu nome não veio publicado?»

E estou certo de que muitos acudiram ao apelo da sua vaidade.

Eu sei que a sublime, a verdadeira caridade, é aquela que consiste em a mão esquerda não saber o que a direita dá. E ainda o ideal seria que a caridade não fosse preciso ser invocada, ao menos sob o ponto de vista material, que sob o moral ela terá sempre de exercer a sua benéfica influência. Esta é a mais sublime e, por isso mesmo, a mais difícil.

Seja como for! — quem tem responsabilidades agite, edu-

que, crie a corrente de acudir a quem necessite, principalmente a crianças, de todas as vítimas as mais puras, as menos responsáveis.

Sou professor primário, exerceo em escolas oficiais, naquelas aonde acodem os necessitados. Comove, dói, ver crianças com fome e não as poder socorrer.

«Senhor professor, dizia-me há anos uma, eram três horas da tarde, deixe-me sair. Eu ainda hoje não comi nada e estou a sentir-me muito mal...»

A sua carinha era de sofrimento indizível e as suas palavras mais soluçadas que articuladas.

Sinto-as, ainda hoje. Não há ninguém que crie esta corrente absolutamente necessária e que se precisa que venha a ser caudalosa?

Trindade e Bima

Visado pela Comissão de Censura

ASPIRADORES
ENCERADORAS
"PHILIPS"

Todas as facilidades de pagamento

RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A
CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República—Telefone 12

Lâmpadas 'PHILIPS'

GRANDE VARIEDADE

e todos os produtos desta GRANDE MARCA

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

Resultados da 19.ª jornada:

C. U. F., 5 - LUSITANO, 2
 Olhanense, 1 - Desp. Beja, 1
 Portimonense, 5 - Montemor, 1
 Juventude, 1 - Farense, 0
 S. Domingos, 1 - Montijo, 2
 Almada, 4 - Luso, 2

No Barrelo

CUF, 5 - LUSITANO, 2

Sob a arbitragem do sr. Luis Vilaça, de Lisboa, os grupos formaram:

CUF: Libânio; Matos e Celestino; Orlando, Carreira e Vale; Sérgio, Vasques, Aureliano, Luis e André.

Lusitano: Balbino (Rodrigues); Pescada e Reina; Henrique, Sanina e Rodolfo; Amilcar, Padesca, Antunes, Rola e Júlio.

Aos 5 minutos de jogo, Sérgio recebe um lançamento de Vasques, entregando em boas condições a Aureliano. O avançado-centro barreirense atira um potentíssimo remate para o lado direito de Balbino, obtendo o primeiro golo da partida. O guarda-linha algarvio não se decidiu a sair, para diminuir o ângulo, e foi batido sem remissão.

Na resposta, Júlio correu pela esquerda e, quando se encontrava só com Libânio na frente, atirou ao lado.

Aos 23 minutos a CUF fez o segundo golo por intermédio de Luis que rematou de costas para a baliza, perante o estatismo da defesa vilarealense.

Passados 2 m. novo ponto. Reina falhou, Sérgio centrou com boa conta e Balbino, como que pregado entre os postes, limitou-se a aguardar o remate vitorioso de Aureliano.

Aos 31 minutos a CUF aumenta o seu activo por intermédio de Aureliano, novamente, com culpas para Balbino. A seguir a este tento, Rodrigues substituiu o titular.

Num contra-ataque pela direita, Rola, com grandes probabilidades de êxito, remata franco para as mãos de Libânio.

Aos 43 m. Aureliano foge mais uma vez ao defesa que o marcava e, apesar da saída de Rodrigues, alcança o 5.º golo da sua equipa.

No segundo tempo, pelos 25 m., o Lusitano obtém o seu primeiro ponto, por intermédio de Júlio, num vistoso golpe de cabeça e, momentos depois, Rola diminuiu a diferença com uma recarga a um pontapé do extremo esquerdo dos encarnados, devolvido pelo poste.

O jogo teve duas fases distintas. No primeiro tempo, a CUF desenrolou um futebol prático e inteligente, a tirar partido dos pontos fracos do adversário. No segundo, o Lusitano superiorizou-se ao antagonista, dando uma ideia mais aproximada do seu valor. Para esta melhoria da equipa encarnada muito contribuiu a grande atenção, valentia e desembaraço de Rodrigues. O outro elemento da equipa local que pôde emparelhar com o jovem guarda-linha vilarealense é Henrique: Esforçado a defender, desarmando com oportunidade e sempre com a preocupação de entregar bem.

Em bom plano também, esteve Pescada.

Os restantes estiveram muito abaixo do seu normal.

Na CUF não há nomes a salientar. É uma equipa homogénea que perfilha um futebol pouco rendilhado mas muito prático.

Jogo correcto e arbitragem sem erros que influíssem no resultado.

F.

Jogos para hoje:

Luso - LUSITANO
 Farense - Portimonense
 Montemor - Olhanense
 Desp. de Beja - Almada
 Montijo - Juventude
 S. Domingos - C. U. F.

Sporting Clube Campomaiorense

Filial n.º 27 do Sporting C. de Portugal
CAMPO MAIOR

Campo Maior, 5 de Dezembro de 1950

Ao Gerente da «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

Ex.º Senhor,

Tem esta carta a finalidade de comunicar a V. Ex.ª que ficamos deveras cativados não só pela forma correcta como fomos tratados, como pelo seu esmerado serviço, quando da deslocação do n.º grupo de futebol, no passado dia 8 de Dezembro, a essa simpática terra.

Sem outro assunto, apresentamos a V. Ex.ª as nossas mais cordiais saudações desportivas.

Sporting Clube Campomaiorense

Pela Comissão Administrativa

João Leão

Campeonato Nacional da II Divisão

● FUTEVOL ●

Jogo em Olhão

OLHANENSE, 1 - D. BEJA, 1

A fim de assistirem ao desafio entre as turmas do Clube Desportivo de Beja e do Sporting Clube Olhanense, estiveram os dirigentes da Associação de Futebol de Faro, assim como numeroso público.

O jogo, arbitrado pelo sr. Santos Marques, da Associação de Futebol de Lisboa, teve como resultado um empate a uma bola, depois duma primeira parte esplêndida dos donos da casa.

O ponto alcançado pelos alentejanos causou surpresa, tanto mais que foi a primeira vez que o conseguiu nesta vila.

O encontro teve início às 15.30 m., cabendo aos visitantes a bola de saída que, numa avançada pelo lado direito, foi perdida na linha média dos algarvios. Momentos depois, o guarda-linha algarvio foi forçado a defender um remate de Marcelino. Passados estes períodos, o Olhanense começou o seu jogo, sendo o guarda-linha visitante obrigado a defender com dificuldade. O Olhanense, de momento a momento, descia à grande área dos alentejanos, não conseguindo, entretanto, o já merecido golo.

Foi com surpresa que vimos o Desportivo, contra a corrente do jogo, marcar o 1.º golo da tarde, sendo Brás o seu autor, que aproveitou uma bola que se encontrava próximo da baliza, não tendo dificuldade em bater Silvestre. Com este golo, o Beja tomou ascendente não obstante a réplica dos algarvios. O golo do Olhanense surgiu na melhor altura, graças a uma insistência de Santiago, depois de vários remates. Estava-se a jogar melhor por parte do Olhanense, mas com o factor sorte do lado da equipa de Camiruaga.

Com as equipas empatadas a 1 bola, terminou o 1.º tempo, resultado com que terminou o encontro.

No recomeço, os algarvios entraram resolvidos a modificar o resultado, tendo-se os alentejanos remetido à defensiva. Embora a equipa local tudo fizesse para alcançar a vitória não o conseguiu, pois Baião, numa tarde maravilhosa, conseguiu fazer um punhado de defesas dignas de registo.

Quando faltavam 10 minutos para o encontro terminar, o sr. Santos Marques assinala grande penalidade contra os visitantes, que Vinício atirou ao lado. Assim, o Olhanense desperdiçou a última oportunidade que teve para ganhar o encontro.

Este jogo, quanto a nós, foi bem disputado por ambas as equipas, mas o Olhanense a jogar com mais acerto (no

BASQUETEBOL

CAMPEONATO REGIONAL

2.ª Jornada—7 de Fevereiro de 1954

1.ª Categoria

Ginásio C. Olhanense, 9

C. D. «Os Olhanenses», 15

Gilberto, J. Vicente, Bruno (2), Luz, Pinto (7) e Neto.

Teixeira (2), A. Azinheira (3), Serrano (4), Canha, Amaro (6), Cativo e Madeira.

Árbitro—José Viegas Santana.

S. C. Farense, 37—S. C. Olhanense, 26

Bastardinho (2), Marcos (4), Estevinha (7), Vinhas (14), Madeira (7), Arnaldo (3) e Cesário.

Gonçalves, Diogo (12), Correia (2), Flávio (6), Nuno (6) e Rafael.

Árbitro—João Narigão.

S. L. Faro, 28—C. F. «Os Bonjoanenses», 33

Cruz (9), Viriato (1), Piçarra, Pinto (7), Fontainhas, Rocha (11) e Marmota.

Cabrita (8), Ferreira (2), J. Azinheira (6), Alfredo, Brazão, O'Brien (4), José Brito (13) e Gilberto.

Árbitro—Rui Nobre.

2.ª Categoria

Ginásio C. Olhanense, 14

C. D. «Os Olhanenses», 10

M. Fernandes (4), Fernando Gomes (3), José Arcanjo (5), A. Costa Lázaro Oliveira (2) e M. Ribeiro.

J. Gaviota, Hostílio (3), A. V. Santos, Humberto Oliva (4), Salazar Belchior (2), Aldemiro Fonseca (1) e José T. Ramos.

Árbitro—Mário José Marcelino.

S. L. Faro, 14—C. F. «Os Bonjoanenses», 20

M. Gomes, Evaristo, Balela, A. Fernandes (8), A. Rodrigues (4), A. Ramos (2) e Renato Alves.

A. Piedade, José Brito, Ivo, Alcindo Viegas (20), Victor Jesus, José da Cruz (4), José Martins (1) e J. Reis (5).

Árbitro—Marcelino José.

1.º tempo) e com uma vontade poucas vezes posta à prova. No primeiro tempo, Osvaldo teve três remates à baliza, os quais foram salvos pela barra, o mesmo sucedendo com um tiro maravilhoso de Del Duca. A equipa de Beja neste tempo também fez jogadas de boa qualidade, as quais eram dificilmente salvas pelas defesas locais.

No 2.º tempo, a equipa local jogou pouco, embora tivesse feito imensas jogadas ao campo do adversário, sendo algumas perigosas, mas o Beja, a jogar em «ferrolho», não tinha dificuldades em aliviar de qualquer maneira. Para esse empate do Beja muito contribuiu o espanhol Camiruaga, jogador de categoria e duma vontade dignas de registo.

Não nos temos enganado em dizer que o problema mais importante do clube é a pouca preparação, pois, os jogadores no segundo tempo perdem todas as faculdades que possuem e que não são poucas. E para melhor, podemos dizer que o Olhanense quando não está em vencedor na 1.ª parte, no segundo tempo fraqueja, tendo-se isto verificado já com o Lusitano, Luso, Montijo, Portimonense, etc.

Pena é a actual posição do Olhanense, daquela que não se apagará jamais da memória dos bons desportistas. Com isto não queremos dizer que os actuais jogadores não joguem com vontade, longe disso, mas sim queremos apontar a pouca categoria do Olhanense, presentemente.

Sobre este jogo, nada mais temos a dizer e só fazemos votos para que todos os clubes algarvios consigam classificar-se para a nova época, o que já será muito difícil para a equipa de Vila Real de Santo António, pela posição actual na classificação, tanto mais que este clube merece ficar na 2.ª divisão, pelas suas gloriosas tradições desportivas.

O Olhanense jogou com as camisolas do Clube de Regatas Vasco da Gama Olhanense, para não se confundir com o clube de Beja, que também joga de encarnado e preto. Merecem elogios todos os jogadores do Olhanense, pela forma vibrante como disputaram o desafio, salientando-se, no entanto, Fernandes, Graça, Vinício e Del Duca. Nos visitantes, Camiruaga, Marcelino, Sardinha e Baião, merecem destaque.

A arbitragem do sr. Santos Marques esteve muito abaixo das suas possibilidades, pois sabe apitar melhor, como já temos visto em jogos anteriores.

* * *

Para o Campeonato Regional de Juniores, o qual está a ser disputado pelas equipas do Farense, Olhanense, Esperança de Lagos, Sport Lisboa e Faro e Portimonense, e que, segundo informações, possuem valores de futuro, realizou-se em Lagos o jogo entre o Esperança e o Olhanense, cujo resultado foi uma vitória local por 1-0, de grande penalidade.

Em Faro, no Estádio de S. Luís, o Farense conseguiu triunfar por 4-0 frente aos benfiquistas de Faro.

* * *

Consta que o categorizado treinador de futebol José López renova o contrato com o Sporting Clube Farense. Foi uma bela resolução, esta da nova direcção do clube da capital, tanto mais que o dito treinador tem feito progressos com os jovens que possui. As provas que ele deu, em Portimão e em Olhão, creditam-no, sem dúvida, de bom preparador físico e técnico. Ao que indagámos, o técnico em questão não resolveu, todavia, assinar a ficha, tanto mais que julga ser ainda cedo.

* * *

Fala-se também que Garcia e Vinuesa, respectivamente, jogadores do Farense e Portimonense, estão em negociações com alguns clubes de categoria.

Também o valoroso médio espanhol, José Maria, pensa em representar mais uma época o Sporting Clube Farense, onde tem jogado com grande categoria.

Herculano Valente

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
C. U. F.	19	14	2	3	53	20
Juventude	19	11	5	3	31	15
Portimonense	19	10	4	5	37	23
União Sport.	19	11	1	7	40	21
Montijo	19	10	1	8	37	24
Olhanense	19	9	8	7	32	20
Sporting Farense	19	7	6	6	32	20
Desp. de Beja	19	6	5	8	24	17
Almada A. C.	18	7	2	9	28	16
LUSITANO	19	6	2	11	28	14
Luso	19	2	4	13	21	46
S. Domingos	18	2	1	15	18	65

Jogo em Portimão

PORTIMONENSE, 5 - MONTEMÓR, 1

Sob a orientação do sr. Abel Macedo Pires, da Associação de Futebol de Lisboa, os grupos alinharam:

Portimonense: Daniel; Luz II, Luz I e Cortês; Ariur e Henrique; Camarinha, Moniz, Albertino, José António e Bezerra.

Montemor: José Luis; Claro, Rita e Eminência; Gervásio e Garcia; Quim, Samuel, Frazão, Pascoal e Carmo.

Este jogo, aguardado com grande expectativa, revestiu-se de um entusiasmo, por parte dos locais, como ainda se viu durante o campeonato actual. Realmente, todos punham esperanças neste encontro, pois o Portimonense após actuações infelizes, por vezes, até com adversários seus inferiores, estava reagindo ultimamente e estes dois pontos agora obtidos bastante falta lhe faziam.

A numerosa assistência, incitando os jogadores ao ataque, davam extraordinária animação ao encontro, que se desenvolvia num dia frigidíssimo. De início, assistiu-se a um jogo forte da parte dos locais, que entraram no campo com a ideia firme de ganhar. Trouxe-se, então, um jogo duro, muitas das vezes com alguns exageros e violências entre os jogadores. No primeiro tempo, o plano geral do jogo assenta nisto: não houve da parte do P. S. C. o espírito de competição mas sim o duma superioridade que no Desporto não se mostra pela força, como se fez por vezes, mas sim pela habilidade e técnica. Houve, contudo, momentos de bom futebol, quando certos elementos se compenetravam da sua missão em campo. Salientamos um excelente passe de José António, que Camarinha com oportunidade aproveitou, marcando o 1.º tento para a equipa local. Na segunda parte, assistiu-se a uma reviravolta total no aspecto do encontro, tanto no futebolístico como na correcção dos jogadores. Tomando conta da responsabilidade do resultado final do encontro, o Portimonense comandou, então, a direcção do jogo, obrigando o adversário à defesa contínua. Dominou com absoluta clareza e assistiu-se a momentos de jogo como há muito não víamos o Portimonense realizar, pelo menos com tanto domínio do esférico e calma nos lances.

Aos 10 m., José Luís não conseguiu deter um forte remate de José António, obtendo-se assim um resultado que já indicava o final do encontro. O Portimonense, sempre dominando o jogo, teve um momento de fraqueza em volta dos 15 m. que os montemorenses aproveitaram para reduzir o resultado a 2-1, por intermédio de Eminência, num ocasional toque de cabeça. Como réplica, por volta dos 20 m., Luz I, com um remate forte de cabeça, da sua especialidade, marca outro golo, a que o adversário não pôde responder.

Sempre numa toada de jogo leal e bem delineado, obtiveram-se mais dois golos, um de Artur aos 20 m. e outro de Camarinha aos 43 m.

O grupo local mereceu a vitória, mercê da sua actuação, tendo no decorrer do encontro Moniz e Luz I, em espectaculosos lances de cabeça, que saíram a razar o poste, tido oportunidade de mostrar a sua superioridade no encontro.

Com uma defesa bastante segura e avançados muitos ágeis e práticos, por parte do P. S. C., contra um grupo que mostrou brastante falta de espírito ofensivo, o resultado está bem.

Evidenciaram-se Camarinha, José António, Bezerra, Artur e Henrique, da parte do Portimonense, e do Montemor, os melhores foram: Claro, Rita e Gervásio.

A defesa do Montemor portou-se bem, na 1.ª parte, sendo de notar a correcção mostrada no decorrer do encontro e já quando a atmosfera de desconfiança era menor.

Arbitragem difícil, mas inteligente!

P. C.

LXXA

SOMBRA DO MEU JARDIM

poemas de J. A. Mendes Leal

DISTRIBUIDA PELA

Empresa Nacional de Publicidade

Quer ter personalidade,

coisa muito procurada?

Ouçã, então, que é bem verdade:

use «VIRESA»... e mais nada!!!

CONFECÇÕES

Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

DIRECÇÃO GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, Engenheiro-Chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a Socony-Vacuum Portuguesa, S. A. R. L., pretende obter licença para ampliar, com mais 6.000 litros, a sua instalação de armazenagem de óleos combustíveis, sita no Caiado do Rio Guadiana, Vila Real de Santo António, concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.084, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36.270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.084, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 3 de Fevereiro de 1954.

O engenheiro-chefe da 2.ª Repartição,
 António da Costa Macedo

Punktal
SOLINGEN

a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41—Apartado 205—Porto

Rádios 'Philips'

Com as maiores facilidades de pagamento

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Ótimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
 Vila Real de Santo António